

O ABISMO

(mais conteúdo em pedro-nunes.com)

- *“É como estar na fronteira do mundo.”* – Declarou ele – *“Um abismo sem fim.”*

- *“E o que significa?”* – Perguntei.

- *“O problema reside precisamente aí.”*

*

Quando saí de casa, de manhã cedo, na esperança de que o ritmo temperado dos passos por entre a atmosfera do dia nascente – cinzenta e húmida, própria do inverno – corrigisse o desalinho em que acordei, ao alvorecer, não me ocorreu a possibilidade de reconhecer alguém. Na verdade, foi o acaso que me conduziu através de ruas adormecidas, cruzando-me aqui e ali com um ou outro transeunte madrugador, mas com os quais, respeitosamente, partilhei o desejo de ser ignorado. O mesmo aconteceu com o Henrique, de tal forma que, quando cruzámos caminhos, o vislumbre do seu rosto nada despertou em mim. Ter-se-ia somado, em poucos segundos, à amálgama de anónimos ignorados; não fosse aquele som peculiar.

*

- *“Então não sabes o que significa?”* – Perguntei.

- *“Não é essa a questão.”* – Respondeu, visivelmente transtornado – *“Muito mais importante é saber o que será para ti, independentemente do que é para mim.”*

*

Quando o conheci, há mais de uma década, éramos estudantes universitários. Não frequentávamos o mesmo curso, mas ele namorava uma amiga minha – a Helena –, o que levou a que, por entre aqueles anos, percorrêssemos os mesmos círculos sociais. Vislumbrava-o, por isso, nas conversas – quase sempre como ouvinte – mas sendo, de resto, uma figura predominantemente vulgar, banal, que facilmente passaria despercebida; não fosse aquele som peculiar.

Sem qualquer periodicidade ou indício que permitisse antecipá-lo, o Henrique tinha o hábito de estalar a língua. Não o fazia de forma particularmente intensa nem abundante, pelo que o incómodo que causava era mínimo; no entanto, a mim, aliciava a atenção pois, sempre que o fazia, o seu olhar ausentava-se e parecia deslocar-se em absoluto do local onde se encontrava. Depois, repetia o som arritmicamente por algum tempo, sempre de duração irregular, até que o profundo

avelã dos seus olhos recuperava o vigor, num instante fulminante que o trazia de volta à vulgaridade.

*

- “*Mas não sonharia eu com o mesmo?*” – Perguntei.

- “*Sim. E sonharás; agora que te contei, sonharás.*” – Respondeu ele, com a voz profética a tremer, como se temesse as próprias palavras.

- “*Então não deveria significar o mesmo, se é o mesmo sonho?*”

- “*O abismo não é o significado; o crucial é o que o abismo significará para ti.*”

*

Alguns anos mais tarde, depois da universidade, a Helena contou-me que o Henrique a tinha deixado. Tudo fora terrivelmente simples: um dia, ao chegar à casa que partilhavam, tudo o que era dele já lá não estava. Como singular testemunho, ficou um papel arremessado para cima da mesa, onde ele lhe escrevera, numa frase sucinta, que tinha de partir e já não voltaria. Desde então, nunca mais ninguém o vira.

Por isso, quando ouvi aquele som peculiar – o estalar da língua – advindo do corpo que passava ao meu lado, iluminou-se, de súbito, o nome *Henrique* na minha memória, despertando o seu mistério. Não parei, no entanto; convenci-me a manter o passo durante mais alguns metros, cético de que uma abordagem frontal fosse a melhor opção e temendo, de qualquer forma, que pudesse tê-lo confundido com outra pessoa. Só já com uma distância segura entre nós é que parei e me voltei, observando-o.

A certeza atingiu-me quase de imediato: era definitivamente ele; todos os seus movimentos expressavam ainda a mesma vulgaridade, um certo estado de indiferença, como se, em cada instante, estivesse na iminência de perder as medidas e fundir-se com a paisagem. Simultaneamente, no entanto, emanava uma aura de enigma que lhe era nova, alimentada por tudo o que se tinha passado e que atraía a minha curiosidade com fervor. Assim, e sem que racionalmente o tivesse decidido, descobri-me a segui-lo por mero deslumbramento, ao longo de várias ruas, até convergir num pequeno jardim. Aí, sentou-se num banco, diante de uma simples fonte que embelezava o verde relvado, e desprovida de qualquer decoração para lá de um tímido jato de água que rasgava o sedutor silêncio do momento.

Foi na fonte que o seu olhar se fixou, e aí se manteve enquanto me aproximei, até ficar a pouco mais de um metro dele. Pretendia que ele desse conta da minha presença de uma forma natural, como se fosse accidental o nosso encontro; no entanto, os seus olhos expressavam uma cada vez maior ausência. De resto, todo o seu rosto passou a envergar um tom sombrio e opaco, como se já não pertencesse completamente ao mundo dos vivos. Durante os minutos em que ali me mantive, estático, observando-o em pleno fascínio, o único registo que me confirmou da sua preservação orgânica, foi o estalar da língua em repetições arrítmicas, como antigamente.

Por fim, movido pela curiosidade, acabei por ser eu a quebrar o transe, estabelecendo a minha presença com uma dissimulada pergunta:

- “*Henrique?*”

Novamente espelhando os tempos de outrora, o avelã dos seus olhos manifestou-se, profuso, e a sua expressão recuperou uma certa normalidade. Observou-me atentamente, primeiro numa prolongada incerteza, mas que depois deu lugar ao sobrevir luminoso da clareza.

- “*Antero.*”

Convidou-me a sentar ao seu lado, algo a que anuí com gratidão, após tanto tempo a caminhar. Presumi, à partida, que ele estivesse tenso mas, ao sentar-me, descobri-o imperturbado, ao ponto de partilharmos um breve interlúdio silencioso que tomou, assim, a vez da costumeira conversa de conveniência.

- “*Imagino que queiras saber o que aconteceu.*” – Afirmou ele, por fim, dando voz aos meus pensamentos.

- “*Tenho curiosidade, sim. Mas não precisamos de falar sobre isso, se não te sentires confortável.*” – As palavras nasceram-me naturalmente, motivadas pelos costumes e por uma simulada cortesia. O Henrique, no entanto, pareceu-me indiferente a tudo isso, e já, de certa forma, decidido ou até mesmo necessitado em contar-me o que se tinha sucedido.

- “*Se eu te contar, condeno-te ao mesmo destino – é importante que saibas isso, para que depois não me culpes de te amaldiçoar. A responsabilidade é plenamente tua.*” – Fez uma breve pausa – “*Independentemente do quão ridículo te pareça agora, acede-me este pedido: pondera como se verdadeiramente acreditasses que é uma maldição.*”

Inicialmente, ludibriado pelo conforto do silêncio, pensei que brincasse; depois, no entanto, ao julgar a austera moderação da sua voz, a seriedade das palavras, engoli o sorriso. Apercebi-me que, em parte, temia-o: afinal, tendo em conta a sua vida, não seria impensável que ele tivesse

verdadeiramente enlouquecido ou sucumbido a um surto esquizofrênico. Contudo, nem a sua forma física era tal que me refreasse, nem o carácter excêntrico das suas palavras tinha mitigado a minha curiosidade.

- “*Conta-me.*” – Pedi-lhe, cedendo à tentação.

O Henrique testemunhou, então, revelando como tudo começara com um sonho, dias antes de deixar a Helena. Sonhara que estava perante um abismo que se estendia até perder de vista sem que, contudo, o afligisse qualquer assombro. Pelo contrário, preenchia-o uma paz plena, “*impensável para quem nunca a viveu*”, descreveu ele. A ressaca da experiência só se revelou ao despertar; aí, atravessado pela maior desorientação, sentiu poderosas vertigens como se cada objeto do mundo estivesse a uma distância infinita, inacessível para as suas mãos humanas. A sensação recuou – a aflição e o terror – ao fim de algumas horas, mas a distância permaneceu, como se nunca tivesse verdadeiramente acordado e apenas vislumbra-se a realidade pelo buraco da fechadura. Desde então, viu-se condenado ao mesmo sonho todas as noites, ao mesmo despertar todas as manhãs, num ciclo irreprimível de pânico intercalado com breves momentos de alívio, mas sempre conspurcados pela ameaça do dia seguinte.

- “*E tu? Também foste... amaldiçoado?*” – Perguntei, quando ele terminou, exausto, a descrição.

- “*Sim. Foi o meu pai quem me contou.*” – A minha expressão de surpresa tê-lo-á apressado a completar a resposta – “*Não, não foi com maldade que ele o fez. O abismo, para o meu pai, significava algo diferente. Se eu tivesse escolha, nunca mais sonharia; mas o meu pai... Ele acreditava que o abismo era uma espécie de vislumbre do paraíso e, por isso, não era o sonho que o atormentava; era a vigília. Daí que...*” – Li, nos seus olhos, as duras palavras que resistiam a ganhar forma, o final trágico; e, talvez por a minha leitura ter-lhe sido transparente, ele desistiu de as forçar – “*É por isso que a maldição se perpetua. Quem a conta, nunca sabe exatamente o que está a transmitir porque o abismo transmuta-se em cada nova pessoa, tornando-se numa experiência profundamente privada. Eu nunca compreenderei – não, pelo menos, no âmago da questão – o que levou o meu pai a ver ali um paraíso; tal como tu nunca verdadeiramente compreenderás o que eu te estou a dizer... E tal como eu não te compreenderei, quando começares a sonhar.*”

Motivado pelas suas palavras, ocorreu-me, de súbito, uma ideia capaz de ligar todo aquele emaranhado de sonhos, sofrimento e loucura:

- “*Foi por isso que foste embora? Não querias amaldiçoar a Helena?*”

Julguei que seria um medo plenamente coerente, no âmago daquele delírio sobrenatural. No entanto, foi uma inesperada indecisão que ensombrou a expressão do Henrique.

- *“Talvez, em parte.”* – Disse, finalmente, ainda num vívido debate interno – *“Mas estas vertigens que eu sinto... tornam tudo impossivelmente distante.”*

Descobri-me sem palavras, e o silêncio caiu entre nós. O Henrique pareceu reconhecer aí o fim da conversa, e ergueu-se, num movimento ágil e convicto. Pressenti-o resolutivo em afastar-se mas um pensamento final fez-me agarrar-lhe o braço, num toque firme mas sem violência.

- *“Henrique?”* – Vivi a expectativa dele, através da pele – *“Porque me contaste, então, se é essa a tua experiência?”*

O olhar dele recaía novamente sobre o jato de água, na fonte, só me concedendo o vislumbre de metade do rosto. Todavia, vi nascer um sorriso frágil.

- *“Porque estou sozinho.”* – Libertou-se do meu toque e pôs-se a caminho – *“Vem ter aqui quando começares a sonhar. Vou querer ouvir as tuas palavras.”*